

Título: O estudo dos hábitos alimentares dos agricultores do município de Anitápolis

Autor(es) Patricia Lovatel Acioly*; Elisabete Adelinda da Silva; Melissa Watzko Eskelsen

E-mail para contato: patricia.acioly@estacio.br

IES: FESSC / Santa Catarina

Palavra(s) Chave(s): hábito alimentar; frequência alimentar; doenças crônicas; consumo alimentar

RESUMO

Os estudos dos hábitos alimentares são importantes, pois demonstram a relação da dieta habitual com a saúde de um indivíduo ou de uma população. Neste trabalho foi avaliado o hábito alimentar de uma comunidade rural na grande Florianópolis, tendo como objetivo identificar os padrões alimentares de um grupo de agricultores, com enfoque para macronutrientes, relacionando este padrão com o perfil de massa corporal e riscos para Doenças Crônicas não Transmissíveis (DCNTs). A amostra foi constituída por amostragem não probabilística de 35 agricultores com idade entre 20 e 69 anos, residentes na comunidade do Rio da Prata, zona rural do município de Anitápolis, SC, e que aceitaram participar da pesquisa. Foram excluídos os agricultores com diagnóstico de doença que interfira no hábito alimentar como Diabetes Mellitus, doenças gastrointestinais, gestantes e pessoas em dietas alimentares. Os dados foram analisados seguindo as variáveis sócio demográfica, índice de massa corporal (IMC) e Circunferência da Cintura (CC). A frequência das refeições diárias foi investigada para verificar o ritmo alimentar dos indivíduos por intermédio da combinação de duas ou mais refeições diárias, considerando como adequada a realização de pelo menos três refeições diárias. Para coleta de dados foi utilizado o questionário de frequência alimentar qualitativo (QFCA) adaptado de Philippi et al (2000). Os alimentos foram classificados em oito grupos, grupo 1) aborda pães, cereais, raízes e tubérculos; grupo 2) formado por hortaliças, verduras e legumes; o grupo 3) foi constituído de frutas e leguminosas; grupo 4) composto de carnes e ovos; grupo 5) são os produtos lácteos; grupo 6) óleos e gorduras; grupo 7) integra os doces. Foi acrescentado ainda um subgrupo que corresponde aos alimentos diversos que inclui algumas preparações e bebidas constituindo o grupo 8. O entrevistado teve que responder somente se consumia ou não determinado alimento, e em caso positivo, se ele consumia menos que quatro vezes na semana (não habitual); maior ou igual a quatro vezes na semana (habitual) (Willet, 1994). Para avaliação dos indicadores antropométricos, IMC e CC. Para a aferição das medidas antropométricas (peso, altura e circunferência da cintura) foram seguidos os critérios da Organização Mundial da Saúde (OMS) (2000). A coleta dos dados ocorreu no mês de julho de 2012. Os dados foram digitalizados e analisados na planilha de Microsoft Word Excel® (2010). Sessenta por cento da amostra (n=21) está entre 30-39 anos, distribuídos em 52,4% (n=11) homens e 47,6% (n=10) mulheres, 86,6% (n=30) tem cônjuge ou relação estável. Quanto à escolaridade, apenas 5,7% (n=2) completaram o ensino fundamental. Dos que não completaram o ensino fundamental, 64% (n=16) estudaram até a 4ª série do 1º grau, sendo em sua maioria homens. Ao avaliar a frequência do consumo de refeições diárias, observou-se que a maioria realiza três refeições/dia (51,4%). Os resultados do QFA evidenciaram que o consumo habitual de carboidratos ocorre através do arroz e pão caseiro. Entre as proteínas, a carne suína é consumida habitualmente por 41% dos entrevistados. Estes dados demonstram que o hábito alimentar desta população é influenciado pelas características culturais da região e tipo de alimento encontrado na propriedade que varia de acordo com a sazonalidade. Dos entrevistados, 20% apresentaram prevalência de obesidade, sendo as mulheres com maior índice (25%). A classificação de risco cardiovascular aferida pela CC demonstrou que 75% das mulheres apresentaram alto risco versus 26% dos homens. Os resultados do IMC e da circunferência da cintura da população podem estar relacionados com a dieta rica em gorduras saturada de origem animal, açúcares e baixa ingestão de fibras. Este estudo ressalta a necessidade e a importância de se estabelecer um programa de reeducação alimentar para a população analisada.